



O significado da Bíblia numa perspectiva reformada

*Paulo Severino da Silva Filho*¹

Resumo

Este artigo visa oferecer, à luz do capítulo primeiro da *Confissão de Fé de Westminster* e do pensamento de Calvino expresso em suas *Institutas da Religião Cristã*, uma perspectiva reformada a respeito da Bíblia, tratando, em termos gerais, das questões de sua importância, extensão, inspiração e autoridade, bem como seu caráter normativo como única regra de fé e de prática, o papel do Espírito Santo em sua leitura e compreensão, sua interpretação, e o interesse dos reformados em tornar a Sagrada Escritura acessível a todos.

Palavras-chave: Bíblia/Sagrada Escritura, Espírito Santo, Reforma, Perspectiva Reformada, Confissão de Fé de Westminster, João Calvino.

Abstract

This article aims at offering, in the light of the first chapter of *Westminster Confession of Faith* and the thought of Calvin expressed in his *Institutes of the Christian Religion*, a reformed perspective about the Bible, treating, in general

¹ Dizer protestante é dizer herdeiro da Reforma protestante do século XVI. Reformado significa pertencente ao ramo calvinista da Reforma (em distinção aos ramos luterano e anglicano). Presbiteriano indica a denominação, nascida da Reforma da Igreja na Inglaterra e na Escócia, e chegada ao Brasil pela mão de missionários norte-americanos em meados do séc. XIX. A IPB, que conta cento e cinquenta anos de história, é a Igreja mãe do presbiterianismo nacional.



terms, of the issues of its importance, extension, inspiration and authority, as well as its normative character as the one and only rule of faith and practice, the role of the Holy Ghost in its reading and understanding, its interpretation, and the interest of the reformed in making the Holy Writ available to all.

Keywords: Bible/Holy Writ, Holy Ghost, Reformation, Reformed Perspective, Westminster Confession of Faith, John Calvin.

O texto sagrado para os cristãos protestantes de tradição reformada é a Bíblia, chamada por isso mesmo de Sagrada Escritura (ou Sagradas Escrituras, no plural). A Bíblia é considerada, no âmbito reformado, como a Palavra de Deus, inspirada e autoritativa, a única regra de fé e de prática para o cristão.

A importância da Bíblia para os reformados

A Bíblia ocupa posição central na teologia e na espiritualidade reformadas. Isto se deve ao fato de ser ela considerada como o meio usado por Deus para revelar aos seres humanos sua vontade salvífica, que não poderia ser conhecida apenas por meio das obras da criação. Os reformados creem que há uma manifestação de Deus na criação, mas que ela não é suficiente para dar conhecimento de seu amor e seu propósito para nossas vidas.

Tão importante foi considerada a Bíblia pelos reformados, que a Confissão de Fé de Westminster (redigida entre os anos 1643-49 e adotada pela IPB como um de seus símbolos de fé) começa com um capítulo inteiramente dedicado à Sagrada Escritura. Usaremos este capítulo como um fio condutor em nossas considerações, referindo-nos constantemente a ele ao longo desta comunicação, por seu caráter representativo da concepção reformada sobre a Bíblia². Buscaremos também mostrar suas relações com o pensamento de João Calvino, o grande sistematizador da teologia reformada³.

² Para o texto em português da CFW, pode-se ver, por exemplo, a publicação da IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, *A Confissão de Fé, O Catecismo Maior, O Breve Catecismo*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991. [Chamada primeira edição especial, preparada por Valter Graciano Martins.] Para o texto em inglês desses e de outros documentos produzidos pelas Igrejas da Reforma, podem-se consultar inúmeros sítios na Internet, como por exemplo www.reformed.org.

³ A obra magna de Calvino, suas *Institutas da Religião Cristã*, provavelmente a expressão mais significativa do protestantismo em um único livro, trata da Sagrada Escritura no volume I.

A importância da Bíblia para os reformados é expressa de maneira muito clara na primeira das dez seções em que se subdivide o capítulo de abertura da CFW; aí a Escritura é apresentada como registro escrito da revelação da vontade salvífica de Deus para sua Igreja em seu todo. Nela se lê:

Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inescusáveis; todavia não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação. Por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne, e a malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda; isto torna a Escritura Sagrada indispensável, tendo agora⁴ cessado aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade ao seu povo.

Afirma-se aqui que Deus pode ser conhecido por meio das obras de sua criação e de sua providência. A CFW admite uma espécie de revelação natural. Tal revelação não é, contudo, suficiente para dar conhecimento do que é necessário à salvação. Ela serve apenas para tornar os homens inescusáveis diante de Deus⁵.

A Sagrada Escritura é dom de Deus, que registra a chamada revelação especial, pela qual Deus se deu a conhecer e a sua vontade, e que Deus mesmo fez com que fosse posta por escrito, “para preservação e propagação da verdade”, e para o bem da Igreja⁶.

Toda a vontade salvífica de Deus para seu povo está disponível na Sagrada Escritura – tudo aquilo que é necessário conhecer para a salvação⁷.

⁴ O termo “agora” é omitido na tradução da IPB para o português.

⁵ Cf. Calvino, *Institutas* I.V.14-15.

⁶ Calvino, *Institutas* I.VI.1, diz que “a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro”. No parágrafo seguinte, afirma que a Palavra de Deus é a marca “mais direta e segura para reconhecê-lo”. E termina a seção dizendo que “Deus, o Opífice do Universo, se nos faz patente na Escritura e [o] que se deve dele pensar [nela] se expõe, para que não busquemos por ambíguas devesas alguma incerta Deidade”.

⁷ A essa ideia retorna a CFW no início da seção seis de seu capítulo primeiro: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente [by good and necessary consequence] deduzido dela”.

Há uma fase da revelação anterior à Escritura, em que Deus, “em diversos tempos e diferentes modos”, fez conhecida a sua vontade ao seu povo, a qual, “depois”, foi posta por escrito⁸.

A Sagrada Escritura é a forma de revelação última e definitiva de Deus – as demais formas de revelação são consideradas cessadas⁹.

Por isso, a Sagrada Escritura é indispensável para o conhecimento de Deus e de sua vontade; na realidade, a única fonte que temos hoje para chegar a esse conhecimento¹⁰.

Na expressão lapidar de Calvino, a Escritura é “a especial escola dos filhos de Deus”, sem a assistência e sustento da qual “de modo nenhum pode a mente humana chegar até Deus”¹¹.

A extensão do texto sagrado, ou os livros canônicos da Bíblia, segundo a tradição reformada

Qual a extensão do texto sagrado para os reformados? Em outras palavras, quais os livros que compõem a Bíblia para os que pertencem a essa confissão de fé? Trata-se da questão dos livros canônicos da Bíblia segundo a tradição reformada.

Para os reformados, como para todos os cristãos, a Bíblia se divide em Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento é constituído de 39 livros, e o Novo Testamento, de 27 livros¹². Os livros aceitos como parte do AT são os mesmos que compõem o cânon judaico¹³, ainda que nomeados, contados, ordenados e

⁸ Calvino, *Institutas* I.VI.2, diz que “aos patriarcas [i.e., aos pais, aos antepassados] Deus se fez conhecido através de oráculos e visões”, fazendo depois com que esses oráculos “fossem registrados como que em públicos instrumentos”, o que deu origem à Lei e aos Profetas, seus intérpretes.

⁹ A seção seis do capítulo primeiro da CFW retorna a esse ponto quando diz: “A Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições de homens”.

¹⁰ Para Calvino, *Institutas* I.VI.2, só o “discípulo da Escritura” pode chegar à verdadeira religião; e tanto a fé quanto o reto conhecimento de Deus nascem da obediência à Palavra.

¹¹ Cf. Calvino, *Institutas*, I.VI.4.

¹² A seção dois do capítulo primeiro da CFW traz a relação dos livros considerados inspirados e autoritativos para a fé e a vida da Igreja.

¹³ São eles: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

classificados de maneira diferente¹⁴, pois os reformados adotam como a primeira parte das Escrituras aquilo que Jerônimo chamou de *hebraica veritas*. Para o NT, são aceitos os mesmos livros adotados pelos católicos romanos¹⁵.

Ficam, portanto, de fora do cânon reformado os chamados livros deutero-canônicos do AT, que os protestantes em geral chamam de apócrifos¹⁶. Isto não significa que esses escritos sejam considerados de nenhum valor, mas antes que não devem ser recebidos na Igreja como inspirados por Deus e autoritativos¹⁷. Não há, contudo, nenhuma restrição a sua leitura ou utilização para outros fins; por exemplo, como fontes de informações históricas ou até de edificação. Note-se que as edições da Bíblia feitas pelos protestantes costumam trazê-los ao seu final (ainda que não se verifique isso no Brasil); o próprio Lutero os incluiu em sua tradução da Escritura, como apêndice¹⁸.

Inspiração e Autoridade da Bíblia

Os livros que compõem o cânon da Sagrada Escritura são considerados inspirados por Deus e, portanto, autoritativos para a vida da Igreja. Sua autoridade decorre de sua inspiração divina¹⁹. Daí se dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus. Qual o sentido de se considerar a Bíblia como Palavra de Deus inspirada e autoritativa numa perspectiva reformada?

¹⁴ Para a tradição judaica, os livros canônicos são contados como 22 ou 24, e classificados e ordenados da seguinte forma: Torá (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio); Profetas (Anteriores: Josué, Juízes, 1-2 Samuel, 1-2 Reis; Posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze); e Escritos (Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras-Neemias, 1-2 Crônicas). A relação passa de 24 para 22 livros se contar Rute com Juízes e Lamentações com Jeremias.

¹⁵ São eles: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas, Apocalipse.

¹⁶ São eles: Judite, Tobias, 1 Macabeus, 2 Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico (ou Sirácida), Baruque (mais a chamada Epístola de Jeremias = Br 6), além dos acréscimos aos livros de Ester e Daniel na versão grega.

¹⁷ A seção três do capítulo primeiro da CFW nega a inspiração e autoridade dos chamados apócrifos, sem, no entanto, proibir sua leitura e utilização pelos crentes. O que ela faz questão de deixar claro é que só podem ser aprovados e empregados como escritos humanos.

¹⁸ Mannucci, *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 260, transcreve a nota de Lutero sobre os “apócrifos”, colocados no fim de sua tradução do AT para o alemão, de 1534: “Apócrifos: estes são livros que não são considerados iguais às Sagradas Escrituras, mas são igualmente úteis e bons para serem lidos”.

¹⁹ Os livros chamados apócrifos pelos reformados ficam de fora do cânon justamente por se lhes negar inspiração divina, e, portanto, autoridade na Igreja de Deus (cf. CFW I.3).

Primeiramente, vejamos o que isso não significa:

a) *Não significa desconsiderar o lado humano da Bíblia* – A Bíblia é Palavra de Deus em palavra humana. O papel dos autores humanos como agentes do registro da revelação, sob inspiração divina, a maneira como atuaram como instrumentos de Deus, não é coisa discutida pelos reformadores, que se contentam em afirmar a inspiração da Bíblia²⁰.

A própria CFW limita-se também a afirmar a autoria divina e a inspiração do texto bíblico, razão pela qual a autoridade da Sagrada Escritura deve ser aceita na Igreja, sem entrar em considerações sobre o como da inspiração²¹.

A autoridade da Sagrada Escritura está ligada à autoria divina – Deus, que é a própria verdade, é seu autor. Por isso, ela é Palavra de Deus, que deve ser crida e obedecida, ou seja, deve ser aceita e posta em prática. Mas o fato de a Deus se atribuir a autoria da Sagrada Escritura não implica, de maneira alguma, que o papel dos agentes humanos seja nulo ou deva ser desconsiderado²². Foi de seres humanos que Deus se serviu no passado para revelar sua vontade e fazê-la registrar por escrito, assim como é de seres humanos que Deus hoje se serve para transmitir e explicar sua Palavra.

b) *Não significa limitar a Palavra de Deus à Bíblia* – Para os reformadores, o conceito de Palavra de Deus era mais amplo do que o de Escritura Sagrada. A Bíblia é a Palavra de Deus, mas não só ela. A Palavra de Deus não se identifica pura e simplesmente com o texto sagrado da Bíblia. A Palavra de Deus é, em primeiro lugar e acima de tudo, a Segunda Pessoa da Trindade, o Filho, o Verbo eterno de Deus encarnado em Jesus Cristo²³. Antes de a Bíblia ser escrita, Deus também se revelou a seu povo, “em diversos tempos e dife-

²⁰ Fato também observado por González, *Uma História do Pensamento Cristão*, vol. 3, p. 264, com relação a Lutero (“Embora Lutero e seus primeiros companheiros houvessem insistido na autoridade exclusiva da Escritura, eles não desenvolveram uma teoria de sua origem e inspiração, que foi assumida como certa.”) e p. 277s, com relação a Calvino (“Calvino cria que a Escritura era inspirada. Mas ele não começou sua teologia com uma discussão dessa inspiração. De fato, ele nunca discutiu a inspiração bíblica plenamente e ele nem sequer parece ter estado consciente dos perigos do extremo literalismo bíblico.” Ver também p. 299s: “Embora Calvino cresse na inspiração divina da Escritura, ele nunca detalhou esta doutrina de forma detalhada [sic] ou mecanicista.”).

²¹ Cf. CFW I.2 e 4.

²² Cf. Calvino, *Institutas*, I.VII.5, onde diz que a Escritura “nos há defluído da propríssima boca de Deus, mediante o ministério de homens (grifo nosso)”.

²³ Cf. Calvino, *Institutas* I.XIII.7-8.

rentes modos”, no dizer da CFW²⁴. Além disso, a pregação da Igreja baseada nas Escrituras também é um aspecto importante da Palavra de Deus, segundo a tradição reformada²⁵.

Note-se, a esse respeito, que a CFW chama a Bíblia de Sagrada Escritura, ou Palavra de Deus escrita²⁶, num reconhecimento ao menos implícito de que não pode haver uma identificação pura e simples entre Bíblia e Palavra de Deus.

c) *Não significa que a Bíblia seja um texto livre de erros em sentido absoluto* – Como toda produção humana, a Bíblia contém falhas em vários aspectos. Isto não compromete em absoluto seu caráter de Palavra de Deus, nem sua confiabilidade em transmitir as verdades necessárias acerca da salvação. Afinal, Deus se serve de agentes humanos como instrumentos, com todas as suas limitações e imperfeições, com todas as suas capacidades e peculiaridades, sem anular nenhuma dessas características, que não podem deixar de aparecer em seu trabalho de registro da revelação sob inspiração divina; do contrário, não seriam agentes verdadeiramente humanos.

Ideias de inspiração verbal, infalibilidade e inerrância do texto bíblico começam a surgir no seio do protestantismo no tempo da chamada ortodoxia ou escolástica protestante, a partir do séc. XVII, chegando-se ao extremo de afirmar a inspiração até de pontos e sinais vocálicos do texto hebraico²⁷.

Portanto, postular uma ideia de inspiração do texto bíblico palavra por palavra, livre de quaisquer erros, como se seus autores fossem meros

²⁴ Cf. CFW I.1.

²⁵ A Segunda Confissão Helvética, de 1566, adotada por Igrejas Reformadas da Suíça, afirma em seu capítulo primeiro: “A pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus”. Segundo Rogers, “Autoridade e Interpretação da Bíblia na Tradição Reformada”, p. 40, este era também o entendimento de Calvino. Como observa Mannucci, *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 203, Karl Barth, teólogo reformado do séc. XX, entende que a Palavra de Deus nos alcança em três formas: a Palavra de Deus revelada, a Palavra de Deus escrita, a Palavra de Deus pregada. Também em Lutero encontra-se uma concepção multiforme da Palavra de Deus, como escreve González, *Uma História do Pensamento Cristão*, vol. 3, p. 47: “Por Palavra de Deus, Lutero entende não só as Escrituras, mas muito mais. A Palavra é a eterna Segunda Pessoa da Trindade, que existia em Deus desde toda a eternidade; a Palavra é o poder de Deus, manifesto na criação de todas as coisas; a Palavra é o Deus encarnado; a Palavra é a Escritura, que testemunha dela; a Palavra é a proclamação por meio da qual a Palavra na Escritura é efetivamente ouvida pelos crentes”.

²⁶ Cf. CFW I.2.

²⁷ Cf. González, *Uma História do Pensamento Cristão*, vol. 3, p. 266 e 280. Segundo Rogers, “Autoridade e Interpretação da Bíblia na Tradição Reformada”, p. 38-42, é no período da pós-Reforma que se passa de uma concentração na função das Escrituras, característica dos reformadores, para uma preocupação com sua forma.

copiadores de um ditado divino, atuando por assim dizer mecanicamente, sem deixar no texto suas próprias marcas pessoais, não parece sustentável. De qualquer modo, tal ideia de inspiração constitui evidente extrapolação das posições de Lutero e Calvino, e não encontra qualquer respaldo em nenhuma confissão de fé do período da Reforma.

Não significa que os textos bíblicos não devam ser analisados como documentos históricos e obras literárias. A Bíblia é certamente mais do que isso, mas não menos.

Dizer que a Bíblia é inspirada e autoritativa significa que:

a) *A Bíblia provém de Deus, e não de homens ou de Igrejas* – Calvino ensina que as Escrituras fluem do céu, e nelas se podem ouvir as próprias palavras de Deus²⁸. Deus é o seu Autor, fez a CFW²⁹. Com isso se quer ensinar que a Bíblia não é uma produção meramente humana, cuja autoridade dependa de decisões humanas. A autoridade da Bíblia depende inteiramente de Deus, e não do testemunho de qualquer homem ou Igreja³⁰, ainda que esse testemunho não seja desprezado³¹.

b) *A mensagem da Bíblia é certamente inspirada, mas não necessariamente as letras e palavras do texto bíblico* – Isto parece estar claramente implicado na CFW, quando diz no capítulo primeiro, seção oito:

O Antigo Testamento em hebraico (língua nativa do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em grego (a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que ele foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus, e, pelo seu singular cuidado e providência, conservados puros em todos os séculos, são, por isso, autênticos (...).

²⁸ Cf. *Institutas*, I.VII.1 e 5.

²⁹ Cf. CFW I.4.

³⁰ Cf. CFW I.4. A autoridade da Sagrada Escritura não depende do testemunho de qualquer homem ou Igreja, porque é tarefa do Espírito Santo atestar essa autoridade. Ver abaixo a seção “O papel do Espírito Santo”.

³¹ Cf. CFW I.5: “Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pela Escritura Sagrada”. Calvino, *Institutas*, I.VIII.13, diz que os testemunhos humanos sobre a Bíblia não são vãos, desde que acompanhados do testemunho “precípua e supremo” do Espírito Santo, “como subsídios secundários de nossa limitada compreensão”.

À luz da CFW, a ideia de que o Antigo e o Novo Testamentos foram “conservados puros em todos os séculos” só pode ser entendida como referência ao seu conteúdo, não aos seus autógrafos, perdidos para sempre, nem aos testemunhos manuscritos, cópias de cópias de cópias, cuja ampla diversidade sempre foi conhecida ao longo da história, e certamente não escapava aos que formularam a CFW. A questão que se quer realçar aqui é que, a despeito de suas formas de transmissão (variáveis e variadas, corruptíveis e corrompidas), o texto permaneceu substancialmente inalterado em seu sentido, o que aponta para o “singular cuidado e providência” de Deus na conservação e transmissão da sua Palavra escrita à humanidade, ainda que não livre de erros causados pelos agentes humanos dessa conservação e transmissão. Ou seja, a pureza do texto do AT e do NT não está ligada à ausência de variações e falhas em suas cópias (fato inegável), nem mesmo a supostos originais sem erros (de qualquer maneira inacessíveis a verificação), mas à sua mensagem. Inspiração e consequente autoridade da Bíblia não é uma questão de letras e palavras dos manuscritos existentes, mas de conteúdo.

c) A Bíblia, Antigo e Novo Testamentos, é a instância última de apelação em controvérsias de religião, acima de qualquer outra autoridade³² - Como texto inspirado e autoritativo, a Bíblia regula a vida da Igreja de maneira única. Ela é “a única regra de fé e de prática”.

A Bíblia como única regra de fé e de prática

Que significa dizer que a Bíblia é a única regra de fé e de prática para o cristão? Mais uma vez, vejamos, primeiramente, o que isso não significa.

*a) Não significa que os protestantes desprezem a tradição da Igreja. – Lutero e Calvino, para mencionar mais uma vez apenas os dois principais reformadores, são imensamente devedores à tradição da Igreja, servindo-se bastante dela, ainda que de forma seletiva, privilegiando os escritores da Patrística, Agostinho em especial. Ambos aceitaram os dogmas cristológico e trinitário, formulados pelos Concílios de Niceia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451). As *Institutas* de Calvino são construídas sobre a estrutura do Credo Apostólico.*

³² Cf. CFW I.8.

Além disso, a Bíblia é fruto de uma tradição, melhor dizendo, de uma confluência de várias tradições, e ela mesma é geradora de tradição, ou de tradições. Uma dessas tradições gerada pela Bíblia é a tradição reformada. Embora os protestantes de um modo geral não gostem muito da ideia de tradição, são devedores à tradição e criadores de tradição, fato que é mister reconhecer³³.

b) *Não significa que a Bíblia seja autoridade em matéria de ciência ou história* – A autoridade da Bíblia à qual estamos obrigados é em matéria religiosa e moral (única regra *de fé e de prática*), não em questões relacionadas a outros campos do saber. De fato, a Bíblia nem pretende ser um livro que ensine ciência ou história. Se ela contém informações que hoje não podem ser aceitas à luz dos atuais conhecimentos científicos e históricos, isso não precisa ser sustentado pelos crentes.

Em termos positivos, dizer que a Bíblia é a única regra de fé e de prática significa dizer que só pela Escritura se chega ao conhecimento da verdade a respeito de Deus e de sua vontade para os seres humanos.

Eis o sentido de um dos principais lemas da Reforma: *Sola Scriptura*. Com ele, quer-se significar que a autoridade da Escritura Sagrada está acima da autoridade da Igreja e da tradição. A Bíblia é a autoridade última e decisiva para a vida cristã, sem que isso implique, como dissemos, nenhum desprezo pela tradição da Igreja³⁴.

É certo que, a menos que se reconheça que a Escritura não existe num vácuo nem caiu pronta do céu, e que não pode ser lida e interpretada adequadamente fora de um contexto de comunidade de fé, o lema pode tornar-se um

³³ Sobre tradição reformada, veja-se toda a obra de John H. Leith intitulada exatamente *A Tradição Reformada*: uma maneira de ser a comunidade cristã, e particularmente seu capítulo primeiro: “A tradição [sic] da fé”. Quanto à relação entre Escritura e Tradição, concordamos com a observação feita por Mannucci, *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 259: “Os estudos bíblicos e a reflexão teológica fizeram com que todos tomassem consciência, inclusive os protestantes, de que Escritura e Tradição não são duas realidades dissociáveis entre si: a Tradição precede a Escritura; a própria Escritura é fruto da elaboração da Tradição, e até mesmo seu momento privilegiado; a Tradição continua também depois da Escritura; a Escritura – como momento privilegiado da Tradição – constitui o primeiro critério de validade para julgar o desenvolvimento sucessivo da Tradição”.

³⁴ Cf. George, *Teologia dos Reformadores*, p. 312: “O *sola* do *sola Scriptura* não pretendia desprezar completamente o valor da tradição da igreja, mas sim subordiná-la à primazia das Escrituras Sagradas”.

slogan vazio e sem sentido. Mas o sentido da divisa *Sola Scriptura* é claro: ele quer afirmar a Palavra de Deus na Bíblia como algo objetivo, definido, que chega ao ser humano de fora, capaz de orientar a todos sem depender de experiências subjetivas particulares (próprias ou de outrem), ou de qualquer autoridade externa, mas tão-somente da ação interior do Espírito Santo, de seu testemunho interno³⁵.

O papel do Espírito Santo

Importa então dizer algo sobre o papel do Espírito Santo. Tal papel é reconhecido pelos reformadores, e pela CFW, como indispensável para o reconhecimento da inspiração e da autoridade da Escritura, bem como para sua interpretação e compreensão.

Vejamos alguns aspectos do papel do Espírito Santo:

a) *É o Espírito Santo que leva o leitor a reconhecer que a Bíblia é a Palavra de Deus. Calvino diz:*

Ora, assim como só Deus é idônea testemunha de si [mesmo] em sua Palavra, também assim a Palavra não logrará fé nos corações humanos antes que seja [neles] selada pelo testemunho interior do Espírito. Portanto, é necessário que penetre em nosso coração o mesmo Espírito que falou pela boca dos Profetas, para que [nos] persuada de que [eles] não proclamado fielmente [o] que [lhes] fora divinamente ordenado³⁶.

É o que se pode ver também da leitura da seção cinco do capítulo primeiro da CFW:

Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pela Escritura Sagrada. E a suprema excelência [*heavenliness*] do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo de seu todo (que é dar toda a glória a Deus), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis

³⁵ George, *Teologia dos Reformadores*, p. 197, afirma: “Toda a teologia de Calvino foi desenvolvida dentro desses limites: a objetividade da revelação de Deus nas Escrituras Sagradas e o testemunho confirmador e iluminador do Espírito Santo no cristão?”

³⁶ Cf. *Institutas* I.VII.4.

e completa perfeição são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a Palavra de Deus: contudo, a despeito disso, nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo que, pela Palavra e com a Palavra, testifica em nossos corações.

Note-se que essa seção da CFW valoriza o testemunho da Igreja cerca da Bíblia, além de destacar muitas qualidades da Escritura que evidenciam ser ela a Palavra de Deus, qualidades essas que podem ser apreciadas por todas as pessoas de um modo geral e pelos crentes em particular. Enumeram-se, entre essas qualidades, inclusive “a majestade do seu estilo”, o que mostra que os autores da CFW eram sensíveis para a beleza e o valor literários da Bíblia. Também a unidade da Sagrada Escritura é destacada, quando se fala da “harmonia de todas as suas partes”³⁷.

Contudo, a plena aceitação e compreensão da Bíblia como Palavra de Deus, não obstante todas as suas qualidades, depende da graça de Deus, do dom e da ação do Espírito Santo nos corações³⁸.

b) *O Espírito inseparável da Palavra* – Segundo Calvino, não se pode apelar ao Espírito em detrimento da Escritura. A Bíblia e o Espírito Santo não se dissociam. Há um “vínculo inviolável” entre ambos. Pois a função do Espírito é fazer conhecer a Escritura, não algo fora ou além dela³⁹. A CFW afirma explicitamente que a operação interna do Espírito se dá pela Palavra e com a Palavra⁴⁰.

³⁷ Calvino também destaca as várias qualidades da Bíblia. Cf. *Institutas*, I.VIII.

³⁸ Mais uma vez remetemos a Calvino, *Institutas*, I.IX.3: “a própria Palavra não nos é absolutamente certa, a não ser que seja confirmada pelo testemunho do Espírito”.

³⁹ Cf. Calvino, *Institutas*, I.IX.1; no último parágrafo dessa seção lemos: “Logo, não é função do Espírito [que] nos [foi] prometido, configurar novas e inauditas revelações ou forjar um novo gênero de doutrina, mediante quê sejamos detraídos do ensino do Evangelho [já] recebido; ao contrário, [sua função é] selar-nos na mente aquela própria doutrina que é recomendada através do Evangelho.” Cf. também I.IX.3: “Deus não deu a conhecer a Palavra aos homens com vistas a momentânea apresentação, assim que de pronto [a] abolisse com a vinda de seu Espírito; pelo contrário, enviou o mesmo Espírito, pelo poder de quem havia dispensado a Palavra, para que realizasse sua obra mediante a eficaz confirmação d[essa mesma] Palavra”.

⁴⁰ Cf. CFW I.5. Na seção seis do capítulo primeiro, a CFW ensina que não se devem considerar novas revelações do Espírito que possam ser acrescidas à Escritura.

c) *Não há compreensão salvadora da Escritura sem a iluminação do Espírito Santo.* – As palavras da CFW, em seu capítulo primeiro, seção seis, são precisas em definir esse aspecto do papel do Espírito:

(...) reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas tais como são reveladas na Palavra (...)

A ideia está presente também em Calvino, que diz que, sem o Espírito de Deus, seus filhos “se veem privados de toda luz da verdade”, e que os filhos de Deus “não ignoram que é a Palavra o instrumento pelo qual o Senhor dispensa aos fiéis a iluminação de seu Espírito”⁴¹. Ou seja, não há compreensão da Palavra sem o Espírito, assim como não há iluminação do Espírito sem a Palavra.

d) *O Espírito Santo como juiz supremo de toda interpretação* – A seção dez, e última, do capítulo primeiro da CFW estabelece o Espírito Santo, que fala na Escritura, como o juiz supremo de toda interpretação. Nele se lê:

O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias de religião têm de ser determinadas, e por quem têm de ser examinados todos os decretos dos concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões [*spirits*] particulares, e em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

Note-se que o mesmo papel de “supremo tribunal” é atribuído à Escritura anteriormente pela CFW⁴². Isto reforça a questão da inseparabilidade entre Espírito e Palavra. O que se destaca aqui é o fato de que o Espírito fala na Escritura. O reconhecimento desse aspecto do papel do Espírito foi essencial para não se cair no subjetivismo de movimentos evangélicos radicais e sectários surgidos na época da Reforma e também depois dela⁴³, que dispensavam ou desvalorizavam a Escritura como fonte de conhecimento da vontade de Deus⁴⁴.

⁴¹ Cf. *Institutas* I.IX.3.

⁴² Cf. CFW I.8, que diz que a Igreja deve apelar ao AT e ao NT “em todas as controvérsias religiosas” “como a um supremo tribunal” (assim na tradução em português). O texto em inglês traz, em lugar de “como para um supremo tribunal”, o advérbio “finally”, ou seja, a apelação da Igreja aos textos bíblicos nas línguas originais para dirimir controvérsias deve ser “em caráter final”, ou “em última instância”.

⁴³ Calvino chama os integrantes desses movimentos de “entusiastas” (cf. *Institutas* I.IX.3).

⁴⁴ Cf. George, *Teologia dos Reformadores*, p. 312s: “Ao insistir na correlação entre Palavra e Espírito,

Interpretação da Bíblia

Uma palavra se faz necessária sobre a interpretação da Bíblia, imprescindível para sua compreensão.

Primeiramente, a questão dos princípios de interpretação bíblica. Para os reformadores, vale o princípio hermenêutico fundamental de que a Escritura interpreta a Escritura: A Escritura é seu próprio intérprete (*Scriptura sui ipsius interpres*), na frase conhecida e frequentemente citada de Lutero.

Isto é dito expressamente na CFW I.9:

A regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; e portanto quando houver uma questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.

Com isso, quer-se significar que as passagens da Escritura se explicam umas às outras, as mais claras ajudando a compreender as mais obscuras. É o que os reformadores chamaram de princípio da analogia da Sagrada Escritura.

Deve ser notada a preocupação com a busca de objetividade no processo interpretativo, tanto mais necessária quanto mais se multiplicam as leituras subjetivas e até mesmo excêntricas da Escritura. Observe-se também que a regra de interpretação da Escritura pela própria Escritura é considerada infalível, não as interpretações da Escritura. Estas são sempre humanas, e inevitavelmente falíveis, carecendo sempre de revisão e correção.

Outro ponto importante aqui é a questão do sentido dos textos bíblicos. A CFW é clara em afirmar que o sentido de qualquer texto da Escritura é único, e não múltiplo. Este sentido único é o chamado sentido literal, ou o sentido pretendido pelo autor. Como se pode chegar a esse sentido não é dito, mas é sem sombra de dúvida indispensável recorrer aos métodos exegéticos históricos de interpretação, dos quais Calvino é um grande defensor. Diga-se, ainda que apenas de passagem, que uma interpretação literalista da Bíblia nada tem a ver com a atitude dos reformadores do séc. XVI. Pelo contrário, os reformadores, ainda que vivendo e atuando no chamado período pré-crítico dos estudos bíblicos, foram importantes precursores do estudo crítico da Bíblia. Seu trabalho e o de seus continuadores, sobretudo pela valorização

os reformadores principais também distanciavam-se dos espiritualistas, que colocavam sua própria experiência religiosa pessoal acima da revelação de Deus objetivamente dada?

do estudo do AT e do NT em suas línguas originais, deram início à exegese científica moderna, sendo esta uma das principais contribuições protestantes à compreensão da Escritura.

Também é importante atentar para o que diz a seção sete do capítulo primeiro da CFW. Nela se reconhece que nem tudo na Escritura é compreensível por igual, embora todo o necessário à salvação possa ser suficientemente entendido por doutos e indoutos. Eis o texto:

Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser conhecidas⁴⁵, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem da Escritura são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos [*the learned*], mas ainda os indoutos [*the unlearned*], no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.

Percebem os autores da CFW as diferenças de natureza e de grau de complexidade dos textos que compõem a Sagrada Escritura (devidas, bem sabemos, à utilização de vários gêneros literários na Bíblia e à distância cultural que nos separa dela, que nos dificulta um acesso imediato a seu mundo de pensamento); também são reconhecidas as diferenças de competência entre seus leitores. Isto mostra a necessidade do estudo sério e aprofundado da Escritura, com recurso às melhores ferramentas de que pudermos dispor para realizar essa tarefa (o que faz imprescindíveis as ciências da exegese, da teologia, da história e várias outras disciplinas afins e auxiliares), a fim de obter a melhor compreensão possível da Palavra de Deus, no exercício de uma fé que busca o entendimento.

Mas as dificuldades e distâncias não são barreiras intransponíveis para o entendimento da Palavra de Deus em seu aspecto salvífico. Sua mensagem pode ser percebida e acolhida por toda e qualquer pessoa, sem distinção. O uso dos “meios ordinários” (podemos pensar naquilo que todos possuem, em maior ou menor grau: o bom senso, o discernimento, a inteligência, a capacidade de raciocínio, a possibilidade de esforçar-se mentalmente) habilita a todos a entender o necessário e suficiente à salvação, sem que seja para tanto necessária a mediação de especialistas de qualquer espécie. A CFW confia na inteligência do povo.

⁴⁵ A tradução da IPB traz aqui “obedecidas” em lugar de “conhecidas”.

A Bíblia acessível a todos

Uma das grandes preocupações dos reformadores, a partir de sua compreensão do significado da Bíblia na vida da Igreja, foi torná-la acessível a todos. Isto levou a um trabalho em duas frentes: a tradução da Bíblia nas diversas línguas dos povos e a alfabetização universal, para que todos pudessem ler por si mesmos a Escritura. Tal interesse, que levou a muitos esforços de tradução da Bíblia⁴⁶, tem sido desde então amplamente compartilhado por toda a Igreja, que tem compreendido cada vez mais a importância e a necessidade de se oferecer traduções das Escrituras em todas as línguas, mesmo aquelas faladas pelos menores grupos humanos, para que todos tenham a oportunidade de examinar as Escrituras Sagradas por si mesmos⁴⁷.

Assim, por um lado, com seu trabalho de tradução da Bíblia, as Igrejas da Reforma colocaram a Bíblia na mão do povo, mas não só; elas inclusive influenciaram as literaturas nacionais e colaboraram para a normatização de línguas como o alemão e o inglês, respectivamente por meio da tradução de Lutero e da Versão do Rei Tiago (King James Version, 1611)⁴⁸. Também diversas línguas ágrafas foram e continuam sendo postas por escrito graças aos esforços das várias sociedades bíblicas mundo afora, que têm inegavelmente possibilitado o desenvolvimento das culturas dos falantes dessas línguas.

⁴⁶ Pense-se, por exemplo, nas mais de uma dúzia de traduções da Bíblia para o alemão anteriores à tradução de Lutero, mencionadas por Lindberg, *As Reformas na Europa*, p. 115; na p. 330, Lindberg menciona uma tradução da Bíblia para o francês feita por Pedro Olivetan (primo de Calvino), que “apareceu em 1535 com um prefácio latino escrito por Calvino. Este promovia a disponibilidade da Escritura no vernáculo, de forma a que todos pudessem conhecer diretamente a Bíblia”; na p. 374, fala da tradução do NT feita por Tyndale para o inglês, surgida em 1525, e que provocou um grande impacto na Inglaterra. E na p. 375, ele diz que Coverdale “trabalhou com Tyndale na tradução do Antigo Testamento e foi responsável pela primeira tradução completa da Bíblia para o inglês (1535)”.

⁴⁷ Essa preocupação é expressa na CFW I.8, que fala do direito do povo de Deus de ter as Escrituras em sua própria língua, e do dever de lê-las e estudá-las. Para tanto, os livros da Bíblia “têm de ser traduzidos nas línguas vulgares de todas as nações aonde chegarem, a fim de que, a Palavra de Deus permanecendo nelas abundantemente, adorem a Deus de modo aceitável; e possuam a esperança pela paciência e pelo conforto das Escrituras”.

⁴⁸ Cf. Lindberg, *As Reformas na Europa*, p. 441.

Por outro lado, com seu interesse de fazer com que todos tivessem acesso à Bíblia em sua língua e por si mesmos, as Igrejas da Reforma atuaram intensamente na educação e alfabetização das massas⁴⁹.

Portanto, pode-se dizer que as Igrejas da Reforma, em seu intuito de tornar a Bíblia acessível a todos, trouxeram também grande contribuição à humanidade no campo linguístico, na literatura, e na área da educação. Como diz Carter Lindberg em seu estudo sobre as Reformas na Europa, em sua busca de “libertar a Palavra”, os reformadores deram impulso inestimável à “libertação das palavras”, até então um privilégio da elite⁵⁰.

Referências Bibliográficas

- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, vol. 1. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Trad. Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*. Vol. 3: *Da Reforma Protestante ao século 20*. Trad. Paulo Arantes, Vanuza Helena Freire de Mattos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, *A Confissão de Fé, O Catecismo Maior, O Breve Catecismo*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- LEITH, John H. *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã*. Trad. Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. Trad. Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.
- MANNUCCI, Valério. *Bíblia, Palavra de Deus*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁴⁹ Lindberg, *As Reformas na Europa*, p. 439, escreve: “Não foi por acidente que a alfabetização universal foi alcançada pela primeira vez na Escócia e nas áreas protestantes da Alemanha”.

⁵⁰ A ideia aparece várias vezes ao longo da obra de Lindberg, *As Reformas na Europa*, com algumas variações na formulação: p. 197: “Ao libertar a palavra de Deus do cativeiro da Igreja, Lutero também livrou as palavras do cativeiro da elite”; na p. 428, Lindberg afirma: “a tradução da Bíblia feita por Lutero e sua ênfase na educação universal para facilitar sua leitura, uma senda seguida também por outros reformadores, foram um passo à frente no sentido de privar a elite do controle exclusivo sobre as palavras e sobre a Palavra”; e na p. 438 ele diz: “os reformadores libertaram a Palavra e, por conseguinte, também as palavras do cativeiro nas mãos da elite”.

ROGERS, Jack B. “Autoridade e Interpretação da Bíblia na Tradição Reformada”, in: McKIM, Donald K. (ed.). *Grandes Temas da Tradição Reformada*, pp. 35-49. Trad. Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: Pendão Real, 1998.

Paulo Severino da Silva Filho

Cristão protestante reformado presbiteriano,
Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

Artigo Recebido em 21/09/2011

Artigo Aprovado em 22/11/2011